

A PSICANÁLISE E O REFERENCIAL DE CIENTIFICIDADE QUE ORIENTA A TERAPÊUTICA: FUNDAMENTOS PARA O DEBATE NA ATUALIDADE

Vinicius Anciães Darriba

Segundo o que Freud relata em uma de suas conferências de 1932 (FREUD, 1933[1932]/1990), a convocação à psicanálise de que ofereça evidências de sua eficácia terapêutica revela-se antiga: ela era acusada de não poder ser tomada a sério, na qualidade de tratamento, por não publicar estatísticas de seus êxitos. Recusando essa demonstração de sucesso terapêutico, Freud lança mão da singela evidência de que o analista, como outros terapeutas, também tem em seus escaninhos pilhas de cartas de pacientes agradecidos que foram curados. Não pensemos que Freud entra no jogo da eficácia terapêutica, apenas lançando mão de uma evidência pouco ortodoxa. Até porque, adiante, ele pondera que os sucessos terapêuticos da psicanálise não constituem motivo nem de orgulho nem de vergonha.

Em relação a esta afirmação, vale observar que, neste tempo de sua obra, o autor indica claramente que a psicanálise, embora se verifique um método terapêutico, não se reduz a uma forma de terapia. Isto é evidente na medida em que, nesta conferência, ele introduz a discussão acima propondo dizer algumas palavras a respeito da psicanálise como forma de terapia. A aparente indiferença de Freud liga-se, então, à convicção de que a discussão não abarca a psicanálise, no máximo seu valor terapêutico. Em texto de poucos anos antes (FREUD, 1926/1990), ele foi mais contundente ao debater, no interesse da análise leiga, a aplicação da análise ao tratamento de pacientes. Ali, Freud expressou sua precaução quanto a submeter a psicanálise às regras formuladas para os métodos terapêuticos, dizendo querer sentir-se seguro de que a terapia não destruirá a ciência, a sua ciência bem entendido, a psicanálise.

Não se trata, portanto, de Freud apenas consentir com o que não cede à eficácia do tratamento, com o que não se presta a evidenciar sua eficácia. Mais do que isso, ancora a efetividade de sua ciência, de sua causa, na posição paradigmática de interrogar a verdade ali onde algo resiste. É a psicanálise tomada enquanto aposta nos efeitos de abrigar este elemento irreduzível que nos leva a interrogar como essa requisição a evidenciar sua eficácia se lhe apresenta na atualidade. A tentativa, hoje preponderante, de fazer coincidir o atendimento a esta requisição em termos *empíricos* com o atributo de *ser científico* é outra justificativa para tal investigação, devido aos laços da psicanálise com o campo da ciência, do qual advém e ao qual se endereça.

Tomamos como referência para a discussão um documento bastante representativo do modo como se agencia, nos dias de hoje, tal requisição de cientificidade, pois se trata de editorial recente de conceituada revista internacional de divulgação científica – *Nature*. Neste, diz-se a obra de Freud chocar os que têm uma fundamentação na ciência por basear-se em evidências essencialmente não-empíricas. Já aí a vinculação da ciência às evidências empíricas. Não é uma posição nova, mas aparece aqui associada a uma série de outros elementos que nos parecem denunciar a face que assume tal discurso em confluência com o capitalismo e a democracia.

No mesmo editorial, na discussão *científica*, comparece um elemento econômico, o problema da psicanálise sendo que a ausência da evidência de eficácia poria em questão seu custo elevado. Daí para considerar que a *segregação* da psicanálise é algo que se faria no interesse público, visto que os recursos para a atenção em saúde são limitados, é um passo. A psicanálise não fazendo parte das intervenções que as pesquisas mostram serem eficazes, sustentar sua prática não seria apenas incorrer em outro lugar de enunciação, em uma outra relação com a ciência; isto atentaria contra

o interesse público. Nesta via de marginalizar a diferença, seríamos estigmatizados como um fumante nos dias que correm.

Não se trata aqui de demarcar o campo da psicanálise, sublinhando o equívoco de tal endereçamento, nem tampouco de discutir se e como a psicanálise deve se ocupar do problema das evidências. Nosso interesse, como dissemos e justificamos acima, é de interrogar com os próprios instrumentos da psicanálise este discurso atual. Dentre distintos caminhos que se poderia seguir, podemos explorar os termos em que Lacan situa, em sua teoria dos discursos, o discurso universitário, o qual sustenta o primado da racionalidade técnica com que nos deparamos. O que se atualiza nas palavras do editorial tem seu modo de operar elucidado pelo que se precisou como discurso universitário. Senão vejamos: este *científico* que se acopla à evidência empírica busca se impor como um puro saber, incondicionado, que não se legitima senão por sua plausibilidade em referência a determinado aparato racional.

Ao situar o saber (S2) no lugar do escravo, Lacan estabelece sua condição de estar sempre subordinado a algo. Sua posição de suposto agente incondicionado no discurso universitário depende, então, de que o mestre (S1), que ele não domina, não seja dado a ver, mesmo que seus efeitos continuem a se propagar. Para além da pretensa objetividade que o saber visaria, cabe interrogar a verdade escondida no modo como se propala a democracia, o interesse público, a racionalização dos recursos para a saúde e a associação do *científico* a tudo isso e à evidência empírica. Afinal, a ideia de que a promoção deste saber racional universaliza seu acesso e beneficia a todos depende de que se continue a desconhecer que se trata de um discurso de autoridade e submissão; com a particularidade de que, mais do que o discurso do mestre, tem os meios de estender sua ordem de maneira ilimitada.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial (1926) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise (1933[1932]) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SOBRE O AUTOR

Vinicius Anciães Darriba – Psicólogo, Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor da Graduação e da pós graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Coordenador do Laboratório de Psicanálise da UFPR. vdarriba@ufpr.br